



**EXAME DE PROFICIÊNCIA EM LEITURA –
PORTUGUÊS
MESTRADO E DOUTORADO**

NOME: _____

Marque suas respostas apenas na
Folha de Resposta, com caneta azul ou preta.

- A prova tem dez (10) questões objetivas. Existe apenas **uma** (1) resposta correta para cada questão.
- Ao terminar a prova, entregue este caderno e a folha de respostas para o aplicador.
- A prova tem a duração de **duas** (2) horas. **NÃO** haverá **prorrogação do tempo**.
- É permitido utilizar **dicionários monolíngues e bilíngues** apenas em **versão impressa**.
- **Não é permitido** o uso de qualquer dispositivo eletrônico e/ou digital durante a realização da prova, sob pena de imediata desclassificação do candidato.



Texto 1

Turismo no Brasil não se resolve no Ministério do Turismo

Infraestrutura e aviação dependem de outras áreas do governo
Embratur avança na diversificação de mercados e na produção de dados

9.out.2026 às 19h39

Mariana Aldrigui

Professora e pesquisadora de políticas de turismo na USP

Sempre que o turismo entra no debate público, reaparece uma fórmula sedutora. O setor teria potencial enorme, estaria travado por falta de gestão, e bastaria colocar alguém "do mercado" no comando, com plano de longo prazo e KPIs (indicadores-chave de desempenho), para destravar emprego e PIB. É um diagnóstico confortável. E errado, porque trata o turismo como se existisse à parte do país.

Turismo é demanda derivada. Ninguém viaja porque o Ministério do Turismo funciona bem. Viaja-se quando há renda, crédito, câmbio favorável, passagem a preço viável e a percepção de que o destino é seguro e acolhedor. Quase nenhuma dessas variáveis está na mesa do ministro.

Comece-se pela métrica mais repetida: o turismo representaria fatia do PIB brasileiro menor que a média mundial. Participação no PIB não mede desempenho. Economias grandes e diversificadas tendem a exibir fatias menores, porque o denominador inclui agronegócio, indústria e serviços de toda ordem. Usar esse número como prova de fracasso é ler o indicador ao contrário. (Os países com maior participação do turismo no PIB são pequenas ilhas, como Maldivas, Vanuatu e Cabo Verde, que lideram o ranking não por gerirem melhor o setor, mas por terem pouco além dele.)

Vejamos os pilares que costumam aparecer nesses planos: infraestrutura nos destinos, segurança, portos, aeroportos, aviação regional. Todos legítimos, e nenhum é competência do MTur. Segurança pública cabe aos estados. As rodovias, por onde circula a imensa maioria das viagens domésticas, dependem do Ministério dos Transportes e dos governos estaduais. Portos e aeroportos têm ministério próprio. Cobrar do MTur a solução desses gargalos é como responsabilizar o departamento de marketing pela falta de caminhões na logística.

O mesmo vale para a aviação. A malha encolheu por razões que qualquer executivo do setor conhece — ou deveria. Querosene caro e atrelado ao dólar. Judicialização em níveis sem paralelo no mundo. Uma carga tributária que sufoca. E companhias que atravessaram recuperação judicial nos últimos anos. Comparar voos por habitante com a Colômbia sem olhar estrutura de custos é comparar resultados ignorando as causas.

Há também uma contradição curiosa em atribuir o recorde de visitantes estrangeiros apenas ao câmbio. Se o câmbio explica o desempenho, o turismo depende antes de tudo da macroeconomia, e a tese de que bastaria trocar a gestão desmorona. Vale igualmente para o mercado doméstico: a classe média que viaja parcelado responde a juros e renda muito mais do que a qualquer plano setorial. As grandes operadoras sabem disso melhor do que ninguém.

O episódio argentino ensina outra coisa. Quando mais de um terço dos estrangeiros vem de um único país, e esse fluxo dobra ou encolhe ao sabor do câmbio vizinho, o problema não é falta de gestão do ministério, mas concentração de mercado. Diversificar origens exige conectividade aérea de longo curso, promoção contínua e previsível no exterior e, sobretudo,

dados confiáveis sobre quem chega, quanto gasta e por onde circula — ações em curso conduzidas pela Embratur.

Tampouco procede a ideia de um turismo carregado nas costas pela iniciativa privada. O setor recebeu, nos últimos anos, socorro e renúncia fiscal na casa dos bilhões, via Perse (Programa Emergencial de Retomada do Setor de Eventos) e Fungetur (Fundo Geral de Turismo). A relação com o Estado é de dependência mútua, não de abandono.

A instabilidade no ministério é real e danosa, mas não é defeito de gestão que um nome técnico resolveria. É sintoma do presidencialismo de coalizão: o MTur virou moeda de negociação política em todos os governos recentes, sem exceção. E o Congresso que sai das urnas tende a aprofundar essa lógica, com emendas parlamentares que irrigam bases eleitorais embaladas como projetos "inteligentes" de turismo. Lidar com isso exige trânsito político, não planilha.

Um CEO dificilmente saberia navegar esse ambiente; não por acaso, quem deu ao ministério recém-criado estrutura e capacidade de articulação foi um político experiente, Walfrido dos Mares Guia — não um gestor importado do setor privado. Já a fragmentação da representação empresarial, com dezenas de associações disputando interlocução, é problema do próprio setor, que nunca conseguiu falar a uma só voz, embora exista uma confederação, a CNC, que o abriga.

Há, por fim, o que nenhuma planilha captura: imagem. Quando se pergunta por que estrangeiros deixam de vir, a resposta passa pela violência, mas também pelo que o Brasil comunica ao mundo. Em 2019, Bolsonaro declarou que o país não deveria ser destino de turismo gay e, na mesma fala, disse que quem quisesse vir fazer sexo com mulheres ficasse à vontade. Era, ao mesmo tempo, um aceno ao turismo sexual e uma porta fechada a um dos públicos de maior gasto médio.

No mesmo ano, as queimadas na Amazônia e a reação do governo à pressão internacional puseram o Brasil no noticiário global pelos piores motivos, e meses depois veio a condução da pandemia. Nenhuma campanha de promoção sobrevive a isso. Imagem de destino se constrói com política externa, ambiental e de direitos, não apenas com publicidade.

Há ainda uma questão de rumo. O Brasil tem biodiversidade, cultura e escala para criar modelos próprios de turismo sustentável, em vez de importar fórmulas cada vez mais criticadas por seus efeitos nefastos: saturação, gentrificação, enclaves que capturam a renda e devolvem pouco às comunidades.

Bons resultados em turismo também dependem de boas relações políticas, e vale lembrar que em 2025 somente os Estados Unidos tiveram resultado negativo na chegada de turistas, justamente por questões geopolíticas: 5,4% menos turistas (perda de pelo menos US\$ 10 bilhões em receitas).

Nada disso significa que o turismo dispense política de Estado. Ele precisa dela. Mas política de Estado para o turismo é, antes de tudo, política de Estado: estabilidade macroeconômica, segurança pública, infraestrutura de transportes, regulação aérea, proteção ambiental e respeito à diversidade. O turismo é resultado de tudo isso, não a causa.

Não há fórmula mágica. O que falta ao turismo não é um CEO, mas unidade: um espírito coletivo capaz de definir em conjunto as metas do setor, sustentá-las ao longo de diferentes governos e convertê-las em influência real sobre as decisões que o afetam. Enquanto cada segmento negociar sozinho, e o setor se enxergar como uma ilha à espera de um bom gestor, seguirá produzindo diagnósticos com verniz técnico, que pedem ao ministério errado soluções que dependem do país inteiro.

Professora e pesquisadora em turismo na USP, é ex-gerente de Inteligência da Embratur e ex-presidente do Conselho de Turismo da Fecomercio SP.

Fonte: Turismo não se resolve no Ministério do Turismo - 09/10/2026 - Turismo - Folha. Acesso em 09/10/26.

1. A ideia central do texto é a de que o desenvolvimento do turismo no Brasil não depende apenas da gestão do Ministério do Turismo, mas de um conjunto articulado de políticas públicas, condições econômicas, infraestrutura, segurança, relações internacionais e

continuidade política. Assinale a alternativa que apresenta corretamente um dos principais argumentos da autora:

- a) A atividade turística também depende de fatores políticos e simbólicos.
- b) O turismo depende de fatores que ultrapassam o Ministério do Turismo, mas o principal é ter um bom gestor à sua frente.
- c) Problemas estruturais devem ser concentrados em um único setor.
- d) Ações coletivas e contínuas entre os setores público e privado são necessárias. No entanto, as decisões devem ficar unicamente sob responsabilidade do setor público.

2. Leia as afirmações abaixo e assinale a alternativa correta.

- I. O setor de turismo tem um potencial enorme e está travado por falta de gestão.
- II. O Estado não se responsabiliza por questões do turismo, que fica a cargo da iniciativa privada.
- III. O ministro do Turismo tem conhecimento das maiores partes das variáveis sobre sua pasta.
- IV. Os executivos de aviação conhecem os fatores que afetam esse setor.
- V. O PIB do Brasil tem que melhorar para que o setor de Turismo melhore.

- a) I e II estão corretas.
- b) II é falsa e V verdadeira.
- c) I é correta mas a V é falsa.
- d) Todas são incorretas.

3. A Embratur é responsável por:

- I. emissão de vistos.
- II. conectividade aérea.
- III. promoção continua no exterior.
- IV. dados confiáveis sobre origem do dinheiro gasto.

Estão corretas as informações:

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) II e IV.
- d) III e IV.

4. Caso se entenda que o câmbio explica o desempenho do Ministério do Turismo, é correto afirmar que

- a) o turismo depende majoritariamente da microeconomia.
- b) gestão eficiente provavelmente resolve a questão.
- c) as pessoas precisam viajar mais pelo Brasil.
- d) a macroeconomia dita muitas das regras do setor.

5. “Imagem de destino se constrói com política externa, ambiental e de direitos, não apenas com publicidade.” Este período ao final do penúltimo parágrafo do texto NÃO se relaciona com

- a) declarações do então presidente da República, Jair Bolsonaro.
- b) a Amazônia.

- c) as queimadas na Amazônia.
- d) a condução da pandemia.

Texto 2

CAMAREIRA DE HOTEL POR TRÊS DIAS

Escritora conta experiência em estabelecimento quatro estrelas

Vanessa Barbara 01 Set 2026

Durante três dias, a escritora e jornalista Vanessa Barbara trabalhou como camareira em um dos maiores hotéis de São Paulo, um quatro estrelas midscale superior, de padrão executivo. Para isso, ela fez um curso prático (pago) de quarenta horas em uma instituição de ensino. Depois, enviou dezenas de currículos e fez quatro entrevistas de emprego. Foram quase seis meses até conseguir uma vaga. Ela ganhou 70 reais por dia para limpar quartos das 9 às 17 horas. Na mesma época, o preço da diária no hotel com mais de quinhentos apartamentos era de 1 002 reais para um casal no quarto standard, sem café da manhã. “Ser camareira é arrumar a bagunça que os outros deixaram para trás – em uma situação de extrema desigualdade”, ela escreve em reportagem publicada na **piauí** deste mês

No curso, ela aprendeu que os panos de chão são identificados por cores: o vermelho é para áreas muito sujas, como vasos sanitários e lixeiras; o amarelo é para pias; o azul, para vidros; e o verde é usado nas áreas neutras, como móveis do quarto. Os objetos mais sujos em um quarto de hotel são as maçanetas e o controle remoto, que muitas vezes são negligenciados na limpeza.

Segundo o instrutor do curso, os rolinhos decorativos (tipo almofada), as colchas de piquê e os cobre-leitos quase nunca são lavados. Os cobertores de inverno, aliás, mesmo quando estão em um plástico lacrado dentro do armário, raramente são higienizados e têm uma cor escura “para esconder a sujeira”. Outro item de enxoval que quase nunca vê sabão é a peseira – aquela manta ou faixa de tecido colocada aos pés da cama –, que teria surgido porque os hóspedes têm o costume de abrir as malas sobre a cama, e não sobre os maleiros.

“Não é recomendável utilizar os copos de vidro do frigobar ou da pia para beber água. Sério: não usem”, diz Vanessa Barbara. “De acordo com várias fontes, a limpeza desses itens consiste em uma displicente passada de água e eventual secagem com a toalha de mão do hóspede.”

O período de “testes práticos” da escritora no hotel começou em uma quinta-feira e terminou em um sábado, no final de novembro passado. Na semana seguinte, ela recebeu uma mensagem do setor de RH anunciando sua aprovação. “Decidi não dar continuidade à experiência por dois motivos: primeiro, porque isso envolveria questões éticas mais complexas; segundo, porque meus ombros não suportariam esfregar privadas por mais três dias antes de ganhar uma folga. Enviei uma mensagem ao RH. Nela, eu recusava a vaga por não ser capaz de cumprir a escala 6x1”, conta.

Depois de entrar no quarto, a primeira coisa que ela devia fazer era calçar a porta com o maleiro, ligar o ar-condicionado e ajustá-lo para 16°C (ou seja, muito frio). A temperatura é sempre gélida para amenizar o desgaste físico de quem realiza tarefas pesadas. Em seguida, vestia a luva de segurança e pegava, do carrinho, a cestinha com os produtos de limpeza do banheiro. Apanhava os lixos, recolhia os lençóis e as toalhas, jogava tudo no cesto e aplicava o produto clorado na privada. Só então retirava a luva de segurança e ficava apenas com a luva fina de vinil. Enquanto esperava o cloro fazer efeito no banheiro, começava a arrumar a cama.

A jornalista americana Barbara Ehrenreich, que contou em livro sobre quando trabalhou em subempregos (como garçoneiro, faxineira, auxiliar em uma casa de repouso e funcionária do Walmart), escreveu que essa experiência teve nela um efeito importante. “Transformou minha simples preocupação com a exploração dos trabalhadores pobres em uma indignação profunda”, disse Ehrenreich.

“Tive uma experiência parecida”, escreve Vanessa Barbara. “Depois de sentir como seria sacrificar a saúde e quase todos os fins de semana por míseros 13 reais a hora, passei a nutrir muita raiva. A estatística é implacável: 14,8 milhões de trabalhadores brasileiros – mais de um terço da força de trabalho formal – estão submetidos a escalas com uma única folga semanal, geralmente desvinculada do descanso social do sábado ou domingo. Esse contingente não é aleatório. É composto sobretudo por trabalhadores de comércio e serviços (alimentação, limpeza, vigilância) situados na base da pirâmide salarial. É uma base que sustenta o descanso alheio.”

Fonte: Camareira de hotel por três dias - revista piauí. Acesso em 08/10/2026.

6. O texto apresenta:

- a) um depoimento de uma trabalhadora de um hotel no Brasil.
- b) uma síntese de uma escritora sobre trabalhos domésticos.
- c) uma fofoca sobre quartos de hotel quatro estrelas.
- d) um relato sobre a experiência de uma escritora.

7. Segundo o texto, o que NÃO se deve fazer em hotéis por questões de higiene:

- a) tomar água no copo de vidro do quarto.
- b) usar os lençóis da cama.
- c) ligar o ar condicionado.
- d) pegar o controle remoto sem luvas.

8. De acordo com o texto lido, quais das afirmações a seguir são falsas? Assinale a alternativa que apresenta todas as afirmações falsas.

- I. O curso para ser camareira é gratuito.
- II. O teste prático de Vanessa durou 3 dias.
- III. Quase 15 milhões de brasileiros trabalham na escala 6x1.
- IV. As maçanetas dos quartos são um dos itens mais sujos de um hotel.

- a) A I e a II.
- b) A II e a III.
- c) A I e a IV.
- d) Todas.

9. Barbara Ehrenreich relata ter se indignado profundamente depois de ter trabalhado em subempregos. Como foi a experiência de Vanessa Barbara?

- a) Se resignou, afinal precisa do trabalho.
- b) Se enraiveceu, pois sentiu como seria sacrificar sua saúde e seus fins de semana.
- c) Ficou indiferente, porque é melhor aceitar a situação.
- d) Descansou, uma vez que não precisaria aceitar essas condições de trabalho.

10. De acordo com o texto, a escala 6x1 geralmente se refere a:

- a) trabalhar 6 dias e folgar 1.
- b) trabalhar 6 horas e descansar 1.
- c) trabalhar de segunda a sábado e folgar aos domingos.
- d) negociar com o patrão o dia de folga, trabalhando 6 dias e tendo 1 folga semanal.

GABARITO

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	B	D	D	B	D	A	C	B	A

DALEM-CT 2026/2